



REALIDADES E NECESSIDADES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Hercules Rodrigo da Silva Dagnaisser 1 – **Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia – ICSEZ** – alice.dagnaisser@gmail.com

Bruna dos Santos Prata 2 – **Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia- ICSEZ** – brunaprata05@gmail.com

Eixo 03-Escola, Cidadania e Cultura: enfrentamentos necessários para/na Amazônia. Relações entre Estado e Sociedade Civil nos processos e lutas sociais para a construção, execução e avaliação das políticas públicas educacionais nas diversas perspectivas históricas, epistemológicas e sociais. Aborda os contextos escolares e não-escolares e os distintos níveis e modalidades de educação e ensino. Centra-se no contexto amazônico, tomando-o à análise em suas especificidades e correlações regionais, nacionais e internacionais.

RESUMO

O artigo é um recorte do TCC, e teve como objetivo geral analisar as realidades e necessidades na Educação de Jovens e Adultos (EJA) com o intuito de propiciar reflexões que promovam estratégias e intervenções para a inclusão e mudança da realidade, melhorando as relações interpessoais e a qualidade no processo educativo. Os objetivos específicos delineados foram: analisar as condições, motivações e interesses dos educandos da EJA em uma escola Municipal em Parintins; identificar os principais desafios enfrentados na EJA; propiciar discussões para a melhoria do modelo escolar da EJA. O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa de campo, observação participante, entrevista semiestruturada e roda de conversa. Durante as observações foram constatadas incoerência entre teoria e prática, pois o modelo educacional apresenta muitas precariedades e aspectos insatisfatórios na modalidade de ensino, seja em aspectos físicos do ambiente trabalhado, formação continuada e as metodologias dos educadores da EJA, diante desse público heterogêneo, com perspectivas, especificidades e objetivos distintos. Nesse sentido, percebemos que os educandos encontram muitas barreiras e necessidades para conseguir uma aprendizagem de qualidade e significativa, causada por falta de adaptações voltada as suas necessidades e realidades, materiais pedagógicos, formação específica para os educadores que atuam na área, e principalmente políticas públicas voltadas para as demandas da EJA.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos, Realidades, Motivações, Necessidades.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é essencial no sistema educacional, atendendo às necessidades de indivíduos que por diversos motivos, não puderam completar seus estudos na idade apropriada. A relevância da EJA é destacada em estudos e políticas públicas que sublinham a necessidade de promover a inclusão social e econômica através da educação.

No entanto, os educandos da EJA enfrentam inúmeros desafios e barreiras significativas, como a necessidade de conciliar as responsabilidades familiares e o trabalho, além de lidar com a falta de infraestrutura educacional adequada, e o acesso limitado a uma educação de qualidade. Esses fatores não apenas dificultam o ensino da EJA, mas também



comprometem a permanência e o progresso escolar desse público, além disso, a desigualdade educacional contribui na perpetuação de ciclos de pobreza e na exclusão social.

Os indivíduos que não têm acesso à educação continuada enfrentam dificuldades para competir no mercado de trabalho contemporâneo, o que por sua vez assombra negativamente o crescimento econômico, o que reforça a importância de garantir uma educação de qualidade para todos. Estas nuances nos fazem refletir que o ser humano precisa sair do condicionamento, percebendo-se como sujeito social participativo e colaborativo na qual precisa agir para combater as injustiças e desigualdades.

Desse modo, para que a EJA possibilite que esses educandos começem sua trajetória escolar, ou dar sua respectiva continuidade, é necessário que o ensino esteja alinhado com as suas necessidades e realidades. Assim, essa modalidade de ensino deve gerar um grande entusiasmo e muitas expectativas para esses educandos, proporcionando aprendizagens significativas de acordo com as suas experiências do dia a dia.

A EJA é uma dívida histórico-social repleta de iniquidade no nosso país, e em pleno século XXI, as estratégias para a solução de suas necessidades e desafios deveriam ser prioridades inadiáveis.

Portanto, ao contribuir para o entendimento dos desafios enfrentados pela EJA e pensar mudanças significativas que garantam uma educação de qualidade, esta pesquisa pretende colaborar na reflexão para outros pesquisadores na modalidade de ensino da EJA, principalmente na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a educação continuada seja um direito acessível a todos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal na cidade de Parintins, onde atende à modalidade da EJA com a turma do 8º ano do ensino fundamental dos anos finais entre faixa etária de 17 à 51 anos de idade. Para melhor compreensão da pesquisa e para salvaguardar o anonimato de todos os participantes envolvidos, os docentes serão descritos como “D”, e para os educandos utilizamos pseudônimos.

O procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa de campo, pois permitiu uma ampla compreensão e um significativo diálogo com a realidade, concentrando-se na inclusão e



equidade educacional. Além das possibilidades e os limites das diversas realidades existentes no cotidiano social possibilitou ao pesquisador incontáveis procedimentos e descobertas.

Desta forma, a realização da entrevista semiestruturada, possibilitou que realizássemos um roteiro envolvendo questões principais como um caminho para se organizar e atingir os objetivos propostos na pesquisa, contudo não deixamos de considerar as questões levantadas que contribuíram em uma relação entre o pesquisador e os participantes. Essa técnica foi fundamental porque permitiu melhor compreensão das percepções e experiências individuais dos participantes.

Por meio da observação participante foi possível captar informações nas atividades da sala de aula, observando comportamentos, relações de forma direta e indireta para uma compreensão do contexto social, cultural e comportamental em seu ambiente escolar. Foi utilizado um diário de campo para a pesquisa, na qual teve como sujeitos pesquisados dezessete educandos, uma monitora de um discente (PcD), e sete educadores da respectiva turma.

Sendo assim, nota-se como o percurso metodológico se fez essencial para a construção do conhecimento e na promoção de um diálogo horizontal, onde os participantes sentiram-se livres para expressar suas ideias, dúvidas e sentimentos, favorecendo em uma troca de saberes e reflexão coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Espaço escolar e sujeitos da EJA

A pesquisa de campo foi realizada em uma sala de aula da EJA do Ensino Fundamental anos finais do Município de Parintins-AM, enfatizou as realidades e necessidades dessa modalidade no espaço de ensino e aprendizagem. Percebemos os desafios que a modalidade da EJA enfrenta em seu cotidiano, principalmente quando nos referimos a “escolas compartilhadas”, na qual, durante o dia funciona o ensino regular para o ensino fundamental e a noite a modalidade da EJA.

Essa circunstância, nos mostra o enorme descaso a essa modalidade de ensino, e consequentemente a própria educação para com esses sujeitos. Por ser uma escola voltada para a educação de crianças, logo todos os ambientes, e as próprias salas de aulas, são pensadas para



o público infantil. Deste modo, as especificidades, necessidades dos sujeitos da EJA, são descartadas.

Um ambiente que não os instiga ou desperta nesses educandos uma aprendizagem crítica, deixa de ser um local apropriado para essa modalidade. Outro problema existente na vida do educando do período noturno, refere-se às distâncias percorridas para se chegar ao local de estudo, educandos que trabalham durante o dia, e muitas das vezes saem de seus respectivos trabalhos praticamente no horário do início das aulas. De tal modo, estudar à noite traz algumas dificuldades, principalmente em relação ao cansaço sentido por esses educandos, depois de um dia de trabalho, estágio ou qualquer outra atividade que exerce no horário diurno.

Ao se deparar com as dificuldades e sentimentos negativos como desconforto, frustração, ansiedade e aborrecimento, o que afeta a vontade de estudar e tem efeito direto na vida escolar desses sujeitos. Outro fator constatado nas salas de aula são as mesas e cadeiras desapropriadas para os educandos da EJA que estudam no horário noturno. Pois, detectamos que diariamente os educandos se sentem desconfortáveis nas “suas cadeiras” e aparentemente com semblantes de dor. Mediante a essas observações citados, podemos admitir o quanto é primordial discutir sobre essas questões;

Faz-se necessário colocar em voga a discussão da infantilização do espaço, das atividades, das atitudes e posturas docentes junto aos alunos da EJA. Essas ações emergem de um pensamento que comprehende os sujeitos pouco escolarizados como pessoas inferiores, incompletas, mesmo na perversidade de um discurso aparentemente acolhedor que os rotula como “excluídos” (Reus, 2017, p. 121).

Ao longo da observação realizada, ainda percebemos que os educandos da EJA têm espaços limitados no ambiente escolar, que não podiam frequentar, os únicos lugares que os educandos se deslocavam, eram as salas de aulas, o pátio da escola e os banheiros. Porém, a quadra da escola, a sala de informática, a sala AEE, a biblioteca, dentre outros espaços, não podia usufruir, pelo fato de os mesmos permanecerem trancados, e impossibilitando a qualquer tipo de acesso.

Situação também observada na disciplina de Educação Física, onde foi discutido a respeito de atividades físicas, e uma educanda questionou como se sentiam insatisfeitos, porque eles (educandos) nunca foram para a quadra fazer aulas práticas, e o professor respondeu: “*não posso passar por cima das ordens dos superiores*”. O que traz reflexões de como acontecem

essa hierarquização no ambiente escolar, mesmo que os educadores necessitem de recursos ou ambientes para realizarem alguma atividade, da qual a instituição possui que acrescentariam na prática dos professores, e que os mesmos não vão contra essas medidas.

Dessa forma, cabe ressaltar que essas restrições evidenciam um descaso com os processos de aprendizagem desses educandos, sobretudo com os objetivos que essa modalidade de educação propõe. Apesar dessas enormes resistências, algumas vezes os descontentamentos e as reclamações que vem dos educandos parecem afrouxar essas restrições impostas pela gestão escolar. Porque surpreendentemente o educador que ministra educação física fez uma aula prática com as turmas da EJA na parte interna da instituição de ensino (Figura I).

Figura I: Educação física interna da escola



Fonte: Dagnaisser, 2025.

Essa aula foi bastante importante para os educandos que se mostraram satisfeitos com a aula dinâmica e incomum para eles. Aparentemente o educador parece ter pensado a respeito do que esses educandos questionaram em sua última aula e deve ter levado os descontentamentos dos educandos até a gestão escolar, com isso, nota-se que alguns educadores dão esses espaços de reflexão e diálogo, levando em consideração conhecimentos, experiências e críticas desses educandos. Apesar da prática ter sido dentro da própria escola, é um pequeno avanço, mas de grande importância para os sujeitos da EJA que participaram ativamente.

Logo, faz-se necessário, não apenas um olhar diferenciado para esses sujeitos, mas profissionais especializados e espaços que contribuam para diminuir essas barreiras, exemplo disso é a sala de AEE, que oferece suporte especializado para a inclusão escolar.

Desse modo, faz-se essencial conhecer essa realidade em que esses sujeitos estão inseridos, de modo a constatar, como vem sendo tratado essa problemática, e como o processo

de ensino e aprendizagem auxilia na inclusão escolar desses indivíduos, pois se entende que a Inclusão escolar “[...] é acolher todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social, condições físicas e psicológicas” (Rodrigues, 2019. p. 14).

A falta de ações adequadas por parte dos educadores muitas vezes ocorre pela ausência de conhecimento sobre como intervir nas necessidades dos estudantes. Dessa forma, é preciso estratégias para sanar as dificuldades, erros e frustrações que os mesmos enfrentam, e atrapalham na aprendizagem, no desenvolvimento das suas próprias habilidades, na obtenção de sua autonomia e independência. Essas ações são essenciais para que o educador possibilite que os educandos tenham oportunidades de praticar, errar e evoluir por suas próprias tentativas e dedicação.

Dessa forma, o educador precisa se dedicar e comprometer em buscar o aprimoramento das técnicas, metodologias, adequar-se as transformações e inovações que vão surgindo para melhor auxiliá-lo em sua profissão. Apesar das constantes mudanças, Fernandes e Gomes (2015, p.12) defendem que “quando se existe o desejo de ensinar e comprometimento com o trabalho, cria-se estratégias, desenvolve-se metodologias, ou seja, o ensino de qualidade acontece, é valorizado e reconhecido pelos alunos”. Então, uma educação pautada na diversidade e na inclusão desses sujeitos da EJA se faz necessária, no contexto atual, pois;

Durante sua história a EJA passou por reformulações, retrocessos, no entanto a essência dessa modalidade sempre foi a que Paulo Freire (2005) idealizou e tentou colocar em prática. Uma educação que liberte, que ensina com autonomia, mas que tenha afeto e acolhimento para que aqueles que um dia se sentiram excluído possam voltar aos bancos escolares para ensinar e aprender (Costa, 2024, p. 16).

Deste modo, tem-se a necessidade em (re)pensar uma escola voltada para o interesse dos educandos, com temas contextualizados e interligados com as suas realidades, e que possa permitir um ensino com qualidade e diferenciado de acordo com as necessidades desses sujeitos. A modalidade de ensino da EJA apresenta nas Diretrizes Nacionais Curriculares (Resolução CNE/CEB n. 01/2000), premissas para que o atendimento aos sujeitos da EJA seja diferenciado e as especificidades presentes nesta modalidade de ensino sejam respeitadas.

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos



estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio (Brasil, 2000, p. 01)

No entanto o que se observa é uma realidade que não condiz com as singularidades e especificidades desses educandos, e os modelos pedagógicos utilizados são inapropriados para essa modalidade. As práticas docentes na EJA e suas metodologias, podemos perceber uma recorrência de processos infantilizadores há mais de sessenta anos (Reus, 2017).

Dessa forma, a EJA precisa demonstrar mudanças nesse processo de ensino e aprendizagem, tanto em metodologias, práticas pedagógicas e formação continuada para os educadores que atuam nessa modalidade. Pois essa falta de formação específica, métodos e conteúdos adequados a esse público, são motivos de inquietação por parte dos educadores.

De acordo com esses autores Sanceverino e Garbin (2022), a educação na atualidade é o *lócus* prioritário para a formação dos conhecimentos, onde é interpretado que a ausência desse direito compromete o exercício da sua cidadania. E essa é a posição, em que a cidadania concerne, indispensavelmente na modalidade da EJA, já que os sujeitos da EJA se caracterizam como os mais afetados quanto ao direito à educação, comprometendo sua participação na vida civil, política e social, carecendo de uma cidadania não apenas para a sua libertação, mas também para a sua emancipação.

Os debates envolvendo o processo de formação do educador para a modalidade de jovens e adultos não é recente, e as críticas vêm sendo acumuladas com o passar do tempo, devido à ausência de uma formação específica para os educadores nessa modalidade, assim como à falta de métodos e conteúdos pensados particularmente para esse público, tornando os descontentamentos ainda mais agudos, explícitos e generalizados.

Segundo Fernandes e Gomes (2015, p. 14), ressaltam que “toda essa situação faz com que muitos adultos, e até mesmo idosos, que gostariam de fato aprender, desistam ou abandonem a EJA, por não se sentirem interessados ou até mesmo por não compreenderem o conteúdo que está sendo ensinado”. Ou seja, toda essa circunstância acarreta para a evasão desses educandos, pois não se sentem compreendidos e incluídos com as suas realidades, suas ambições e quanto aos seus desejos que o fazem a retornar para a sala de aula.

Deste modo, é essencial que sejam abordadas formas que instiguem as vontades e interesses desses educandos, suas subjetividades, para então, explorá-las ou que possa possibilitar um despertar desses interesses com base nas necessidades da sociedade, na qual esses sujeitos tenham interesses ou que possam vir a ter curiosidade. Conscientizando-os, que para garantir um bom futuro, em uma sociedade seletiva e excludente, necessitam de estudos. Contudo, Marques (2014) aponta que:

Antes de pensar em metodologias, avaliações e atividades diferenciadas, deve-se pensar primeiramente em como irei despertar a vontade do aluno em ter sede em aprender na escola, pois a partir dessa descoberta que terá como base de todo o trabalho pedagógico que o professor irá realizar com esse aluno (Marques, 2014, p. 32).

Os educandos trazem consigo uma diversidade de bagagens e conhecimentos que enriquecem consideravelmente o ambiente escolar, e que promovem experiências e amadurecimento mútuos a esses educandos que estão coexistindo no mesmo espaço.

A educação de jovens e adultos (EJA) é o ensino que possibilita às pessoas voltarem à escola em busca da realização de seus sonhos. Portanto, é primordial um currículo rico, que contemple as necessidades desse público. Ou seja, que possa facilitar e contribuir para sua aprendizagem emancipatória e concreta, possibilitando alcançar suas metas, seus objetivos, e posam estar desenvolvendo suas capacidades de maneira ampla.

Contudo, também surgem grandes desafios e responsabilidades aos educadores dessa modalidade de ensino, pois precisam conhecer a realidade, as necessidades, as histórias e os objetivos de cada educando a qual faz parte de sua turma, de modo, que auxilie e contribua para que cada um desses educandos possa alcançar tais objetivos e enfrentar cada obstáculo, valorizando e respeitando a pluralidade ética e cultural, o processo e cada realidade.

4.2 Realidade e perspectiva de vida dos educandos da EJA

A educação de jovens e adultos sempre foi uma modalidade de ensino formada pela resistência, são pessoas que lutam diariamente para ter oportunidade, a educação de jovens e adultos deve ser uma prática para fortalecer aquelas pessoas que buscam na escola a esperança de aprender para escreverem sua própria história (Costa, 2024).

A luta e as tentativas de alcançar incessantemente por esses sonhos são nítidos por esses educandos, através dos seus esforços diários e suas expressões. Assim como podemos ver em algumas palavras retiradas de um poema de autoria própria dos educandos da EJA a seguir:

Quadro I: Estudantes da EJA

Ana, 31 anos	Quero a faculdade, um emprego, crescer, E mostrar pra família: eu posso vencer! Não importa o tempo e nem o lugar. Nunca é tarde para recomeçar.
Rita, 48 anos	A vida me moldou com força e coragem. Com dez filhos no peito, sigo minha viagem. Quero a faculdade, um emprego, crescer. Perdi meu pai, tão cedo, tão dura lição. O tempo passou, mas um sonho ficou. Foi a voz dos meus filhos que me levantou, “volta mãe, estuda”, e assim recomeçou. Hoje, caderno nas mãos, esperança no olhar. Descobri que o saber é jeito de sonhar. Quero um bom emprego, crescer sem temer, mostrar para o mundo: é possível vencer.
Bruno, 18 anos	Com metas e sonhos a perseguir os estudos findar, a faculdade a seguir. A lição da vida: Não ter medo de errar. Pois, só quem arrisca consegue voar.
Alessandra, 39 anos	Arrumei marido, filhos fui criar. No interior, vinte e dois anos vivi. A Escola, parei na quarta série então, faltava recurso, sobrava razão. trabalhei em casa, depois na plantação, com mãos calejadas e o coração. Mas um sonho antigo, veio me chamar. “Volta pra escola, é tempo de estudar!”. E assim com a EJA, me reencontrei uma nova Alessandra, que nunca deixei. Agora aprendo com brilho no olhar, pois sei que ainda posso sonhar. Meu maior desejo? Os estudos vencer.

Fonte: Dagnaisser, 2025.

Por meio das falas podemos perceber como as dificuldades afetaram e afetam muitos que estão na EJA, e que as suas realidades servem como propulsor para buscar mudar as suas vidas e das pessoas que amam. E fazem desse sentimento, um impulsionador para nunca desistir, apesar das adversidades enfrentadas na caminhada.

Quadro II: Estudantes da EJA

Santarém, 51 anos	Estudei até a 4º série e precisei parar de estudar, pois éramos 9 irmãos e meus pais não tinham condições de nos manter na escola, então eu tive que parar de estudar para trabalhar para ajudar em casa. Sempre tive o desejo de terminar meus estudos.
Serrão, 25 anos	Precisei parar de estudar por motivo de doença. Voltar a estudar foi uma decisão minha, porque sem estudo é muito difícil arranjar um bom emprego, e agora, com o apoio da EJA, estou tendo essa oportunidade, estou feliz por estar estudando de novo na escola. Meu maior sonho é terminar meus estudos e fazer uma faculdade.
Rita, 48 anos	Meu pai morreu e infelizmente precisei parar de estudar [...] precisei parar de estudar porque tinha que trabalhar para ajudar minha mãe.
Dolores, 18 anos (LGBTQI+)	Eu cresci em uma família narcisista por parte de pai. Essa família me machucava muito e as amizades também me machucavam com tudo isso eu me prendia no meu quarto por dias e dias, desde daí eu parei de frequentar a escola. Parei de estudar. Mas agora eu estou aqui [...]. Mas dessa vez eu sou outra pessoa, não vou deixar ninguém me machucar de novo.

Fonte: Dagnaisser, 2025.



Através das falas desses educandos citadas podemos imaginar que estão carregadas de sentimentos de tristeza, de dor, medo, ansiedade, baixa autoestima, isolamentos e rejeições. Pessoas que foram excluídas, desamparadas e abandonadas, ou seja, esses sujeitos não pararam de estudar porque quiseram, mas porque são levados a essa situação. E essa falta de apoio são fatores que acarretam a sérios problemas dentro da educação e que também levam a problemas psicológicos como ansiedade e depressão a esses indivíduos. “Vale apontar, que outras motivações levam os jovens e adultos para a escola, por exemplo, a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz autoestima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão” (Strelhow, 2010 apud Costa 2024, p.10).

Compreendemos que existem muitas razões que impulsionam esses sujeitos para dentro da sala de aula, porém, a grande maioria está ligada a restrições de direitos e oportunidades igualitárias que possam contribuir, transformar e melhorar a qualidade de vida desses sujeitos e a sua aceitação na sociedade. E essas restrições são vencidas por meio da educação que possibilita que criem uma relação de confiança entre educador e educando, possibilitando não apenas conhecer esses sujeitos, mas permitir agir e contribuir da melhor forma com cada um deles.

Vale dar ênfase a educadora D1, pois, ao iniciar suas aulas, dialoga com os educandos e pergunta se os mesmos querem conversar ou partilhar sobre os seus finais de semana, contarem detalhes de como foi, o que fizeram, ou por onde foram. Atitudes e práticas na qual vão de encontro ao papel dos educadores na visão Freiriana. Ou seja, a prática educativa não se resume a transmissão do conhecimento técnico, mas deve envolver afetuosidade e bom humor, que são elementos essenciais para proporcionar um ambiente de aprendizagem saudável, motivador e inclusivo.

Em uma de suas práticas a docente D1 fez uma leitura partilhada com a turma, na qual cada educando lia uma frase do texto, no decorrer da leitura, percebeu que dois educandos não prestavam atenção em sua atividade, e escutavam música em um fone bluetooth, ação que deixou a educadora claramente incomodada, e de repente parou a aula chamando a atenção da turma inteira, e especialmente desses dois educandos.



A educadora D1 expressou que “é muito fácil eu vim aqui para a escola dar a minha aula e fechar meus olhos (situações), mas eu quero o melhor, eu me importo, por isso eu pego no “pé de vocês”. Mas porque eu acredito na Educação e no seu poder de transformação”. A educadora D1 destacou ainda que “por meio da educação, vocês transformarão suas realidades, e estão desperdiçando essa oportunidade que estão tendo”. A educadora recolheu os fones de ouvido e entregou ao final da aula.

A professora D1 faz com que a turma reflita e relembre continuamente por quais motivos, razões e objetivos cada um retornou para a escola. E traz como lição importante para eles, sobre o valor da educação como uma poderosa ferramenta para a mudança pessoal e social ser adquirida, onde permitirá ampliar suas oportunidades, desenvolver habilidades, melhorar suas situações e condições de vida e exercer sua cidadania de forma plena, e destaca que desperdiçar essa chance significa abrir mão de um caminho para o crescimento e as mudanças que almejam. Como ressalta Costa;

A EJA tem uma trajetória na qual suas práticas refletem a diversidade presente na sociedade brasileira, a educação de jovens e adultos é um campo formativo que oferece escolarização e qualificação profissional e precisa ser um espaço que acolha essas pessoas que voltam a escola em busca de formação (Costa, 2024, p. 14)

Vale ressaltar, que para isso, é necessário ser considerada as necessidades e experiências desses sujeitos no espaço escolar, que sejam adotadas metodologias centradas no educando, que valorizem suas vivências, que promovam uma participação ativa e uma aprendizagem relevante para o cotidiano deles, e tenha um ambiente inclusivo e respeitoso que proporcione a autoestima e o sentimento de pertencimento a esses sujeitos por tanto tempo excluídos. E, além disso, que todo esse percurso seja dirigido de modo a conscientizar e ensinar sujeitos críticos, uma educação que possam ajudá-los a aprender de maneira agradável e significativa, que garanta a almejada qualificação profissional e os prepare para a vida.

A educação de jovens e adultos para Freire é uma educação onde a conscientização é ponto principal, é o ensinar com significado. A educação é um processo que não se limita apenas a uma atividade, aos livros ou ao caderno. É um desafio diário com inúmeras possibilidades e responsabilidades, suficientes para mudar a história de vida de quem aprende (Costa, 2024, p. 16)

Para tanto, uma educação que seja dialógica, reflexiva e crítica, enquanto direito, não enquanto favor ou sobre interesses próprios como há muito tempo veio sendo estabelecidos.



Uma educação que considere as bagagens que os sujeitos trazem para dentro de sala de aula, conhecimentos e experiências individuais que possam ser apontadas e discutidas dentro de aula, para que possam ter reflexões mais profundas. Metodologias que possam dialogar com os saberes e realidades desses educandos, que os provoquem e instiguem a serem mais, que possa contribuir para uma educação ampla, de respeito, e principalmente, de qualidade.

A EJA é uma modalidade de ensino criada dentro de um contexto de lutas e de resistência, com os objetivos de alcançarem um processo de ensino aprendizagem libertador, autônomo, genuíno e de inclusão social. Contudo, evidenciam-se resistências, barreiras e (pré)conceitos que a impedem para tais objetivos, para quais fins foi criada.

Geralmente se tem uma visão estereotipada da EJA, ainda se pensa em uma sala de aula com estudantes jovens e adultos que procuram simplesmente aprender a ler e a escrever, porém neste cenário de novas tecnologias, de redes sociais, a volta para a escola significa aprender para acompanhar estas transformações, para se qualificar e adentrar ao mercado de trabalho, agarrar as possibilidades que surgirem através do acesso a uma educação de qualidade, que proporcionarão oportunidades, que muitas das vezes não chegam, porque não possuem “conhecimentos” para tais funções.

Costa (2024, p. 12), enfatiza que “a EJA além de ser pautada na escalada do cidadão a oportunidades de trabalho, deve também, formar um cidadão consciente, apreciador de questões políticas, inserido no seu espaço e além de tudo garantir a criticidade com a capacidade de transformação”. Desse modo, essa educação precisa favorecer ao educando conhecimentos que envolvam todo o contexto social, político e econômico, para que eles entendam os processos que permeiam na sociedade e possam contribuir ativamente no direcionamento que ela vem sendo tomada, para que esses sujeitos possam ter uma educação libertadora, que possam ter voz.

Paulo Freire (2005) afirma que alfabetizar era proporcionar a esses indivíduos, oportunidades para lerem o mundo a qual viviam, que aprendessem com significado, e que compartilhassem dentro da sala de aula suas histórias de e experiências de vida. E a partir do momento que esses sujeitos se fizerem conscientes, estarão preparados para se nortearem rumo a suas metas.

A passagem da educação formal, principalmente da qualificação profissional, é apontada como o motivo de permanência aos empregados para permanecerem nessa condição e aos desempregados para que possam conquistar um emprego estável, ou melhor, tornar-se “empregáveis” (Silva, 2004). Esse é um fator que promove e determina que os cidadãos se qualifiquem e aumentem suas chances para o ingresso ou a sua continuidade no mercado de trabalho.

Em virtude deste fato, muitos trabalhadores têm retornado à escola para elevar sua formação, dar continuidade e concluir seu grau de estudos. Dado que escolaridade tem sido destacada como requisito fundamental para a dispensa de trabalhadores em diversas empresas que buscam trabalhadores capacitados para os serviços que prestam. Corroborando a essa questão, Pochmann (2001 apud Silva, 2004, p. 346), destaca que “a educação transformou-se no novo critério de exclusão do acesso ao emprego, ainda que a maior escolaridade não seja imperativo para as modificações substanciais no conteúdo do trabalho”.

Além disso, a ampliação do acesso à educação superior no ensino noturno para quem busca se qualificar, promoveu a democratização e a inclusão para aqueles que não têm condições de estudar no período diurno, uma vez que precisam trabalhar para sobreviver. Por sua vez, possibilitou a garantia de direitos e igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.

A prática docente se faz no cotidiano, durante todo o percurso da vida, e na constante reflexão de se fazer a sua prática, voltado ao comprometimento do trabalho e no amor à profissão, de modo que não se caia em uma espécie de acomodação, o que torna prejudicial a toda a educação.

Por isso, é necessário garantir o respeito ao público da EJA que é composto pela diversidade e possui especificidades próprias, devem ser levadas em consideração as trajetórias escolares interrompidas, responsabilidades familiares e profissionais, e sendo assim necessitam que exista uma flexibilidade na organização das aulas e no planejamento das metodologias apropriadas, com ambientes acolhedores e permitam que os mesmos usufruam de todos os espaços, principalmente reformulações e criação de novas políticas públicas que superem os seus desafios na EJA.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa foi possível conhecer e analisar as realidades e necessidades desses educandos da EJA, esse estudo conseguiu identificar e descrever as múltiplas realidades e necessidades vividas pelos sujeitos da EJA, evidenciando as desigualdades históricas, sociais e econômicas que marcam as suas trajetórias.

Foram destacados obstáculos, como a infantilização das metodologias e práticas pedagógicas; a ausência de adaptações para os educandos com deficiências e as dificuldades dos educandos em conciliar estudos, trabalho e família. Além das necessidades de políticas públicas mais efetivas, uma formação continuada desses educadores, a valorização dos conhecimentos prévios dos educandos, além de metodologias que respeitem a diversidade desses sujeitos e promovam sua inclusão.

Pois retrata sobre um segmento historicamente negligenciado na educação brasileira. E ao abordar as especificidades na EJA, o trabalho contribui para o debate sobre inclusão, equidade e justiça social, apontando que a educação de jovens e adultos é uma dívida histórico-social que precisa ser reparada. O estudo reforça a urgência em repensar práticas e políticas públicas para que possam garantir não apenas o acesso, mas a permanência e o êxito desses educandos.

Uma vez que as políticas públicas contribuem para a redução das desigualdades sociais, proporcionando aos indivíduos de baixa renda a oportunidade de melhorar suas condições de vida. A educação aumenta as chances de emprego e a capacidade de competir no mercado de trabalho, promovendo a inclusão econômica. Além disso, a educação de adultos está associada às melhorias em diversas áreas da vida, incluindo saúde, participação cívica e bem-estar. Adultos escolarizados têm maior probabilidade de participarem ativamente na comunidade, tomar decisões, e contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa.

Contudo, a pesquisa nos fez compreender a complexidade e a riqueza desse universo, marcado por desafios, mas também por histórias de resistência, superação e esperança. Para uma reflexão crítica sobre o papel social da educação, em reafirmar a necessidade de uma escola verdadeiramente inclusiva, que respeite as trajetórias e potencialidades de cada educando. E esperamos que este estudo possa inspirar outros educadores, e gestores a repensarem sobre essa



modalidade e a lutarem por uma EJA mais justa, acolhedora e significativa para todos, que possam ser comprometidos com a formação integral do ser humano, promovendo sua autonomia, cidadania e dignidade.

REFERÉNCIAS

- BRASIL. **Conselho Nacional de Educação.** Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 mai./2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/parecer-ceb-2000>. Acesso em 5 jul. 2025.
- COSTA, D. S. **Educação de Jovens e Adultos: desafios e resistências ao longo dos tempos/** Danielle Souza Costa. João Pessoa, 2024.
- FERNANDES, R. M.; GOMES, V. R. **Formação dos professores da EJA:** desafios e possibilidades. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/461/FORMA%C3%87%C3%83O%20DOS%20PROFESSORES%20DA%20EJA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. . Acesso em 10 jul. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,2005.
- MARQUES, J. R. **A concepção dos professores sobre o fracasso escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – UNB, Brasília, 2014.
- REUS, M.B. “**Caprichem nas folhinhas**”: a infantilização das práticas pedagógicas e docência na EJA. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M., and MASSENA, J.H. *Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, pp. 118-139. ISBN 978-85-386-0472-3.
- RODRIGUES, M. S; FERREIRA, S. O; FRANÇA, S. S. **A Educação especial como inclusão escolar: Estudo de caso sobre a Deficiência Intelectual na EJA.** Escola Municipal de Educação Básica. Piauí, Santana/AP, 2019. Disponivel em: <https://publicacoes.even3.com.br/tcc/a-educacao-especial-como-inclusao-escolar-estudo-de-caso-sobre-a-deficiencia-intelectual-na-eja-536514>. Acesso em 7 jul. 2025.
- SANCEVERINO, A. R.; GARBIN, R. Os Liames entre Educação de Jovens e Adultos e Cidadania: um olhar sobre a produção acadêmica. In: SENHORAS, E. M. (org.). **Educação de jovens e adultos: debates contemporâneos.** Boa Vista, RR: Editora IOLE, 2022. p. 13-34.
- SILVA, S. T. **As demandas de qualificação para o trabalho no Brasil, a partir do processo de modernização produtiva.** Educar, Curitiba, n. 23, p. 335-352, 2004. Editora UFPR.